

Editorial

WebMosaica Porto Alegre, volume 5, número 1, janeiro-junho 2013

O LANÇAMENTO DE MAIS UM NÚMERO DA REVISTA *WEBMOSAICA* NOS DEIXA MUITO satisfeitos, pela certeza de estarmos oferecendo aos leitores excelentes trabalhos, inéditos em língua portuguesa, que permitem avançar o conhecimento nas áreas de Filosofia, Filosofia Judaica, Literatura e Ciências Sociais.

O tema do Dossiê é *A riqueza e a diversidade do pensamento judaico* e abrange desde visões amplas sobre o judaísmo, como as origens do chassidismo e as grandes revoluções do judaísmo, até perspectivas mais pontuais, como a relação entre a cabala e o marxismo e o destaque a filósofos e/ou pensadores como Salomon Maimon e Walter Benjamin.

O Dossiê recebeu contribuições muito relevantes de dois professores da Universidade Hebraica de Jerusalém: Samuel Scolnicov, nascido em São Paulo e naturalizado israelense, professor do Departamento de Filosofia e da Escola de Educação; e Rachel Elijor, israelense, professora de Filosofia Judaica e Misticismo Judaico.

Samuel Scolnicov esteve no Brasil em agosto de 2012, quando ministrou a palestra “Atenas e Jerusalém: duas concepções de Deus, do mundo e do homem”, em evento promovido pela Sociedade Brasileira dos Amigos da Universidade Hebraica de Jerusalém. Nessa palestra, o professor Scolnicov abordou os pontos de divergência entre a concepção do homem de acordo com as filosofias grega e judaica. Para ele, “o conceito de pessoa é uma invenção bíblica e judaica, onde o homem é um ser único e autônomo que pode tomar decisões e escolher entre o bem e o mal. Para os gregos, a concepção do mundo é diferente: o homem faz parte da natureza e não pode se opor a ela. Até mesmo os imortais deuses gregos são considerados parte da natureza” (blog webjudaica.com.br). O professor Scolnicov é autor, entre outros trabalhos, de dois livros sobre a obra de Platão, *Plato’s Metaphysics of Education* (1988) e *Plato’s Parmenides* (2003).

Para este número da *WebMosaica*, Scolnicov escreveu o artigo “As grandes revoluções no judaísmo”. Após afirmar que “A vitalidade do judaísmo está indissoluvelmente ligada às profundas transformações pelas quais foi capaz de passar, sem, contudo, perder o vínculo essencial a suas raízes”, ele traça o início do judaísmo no Pentateuco e nos demais livros da Bíblia, destacando seu caráter teocrático e a vinculação entre religião judaica e cultura nacional. Ele aborda, a seguir, as principais transformações do judaísmo através dos tempos, numa linguagem clara e precisa, passando pelos Profetas, a destruição do primeiro templo (em 587 A.E.C) e o êxodo dela decorrente, a volta do exílio da Babilônia e a restituição do Templo, a redação do *Talmud* (composto pela *Mishná* e pela *Guemará*), a *Cabalá*, a *Haskalá*, o chassidismo, o sionismo e a fundação do Estado de Israel, entre outras.

Rachel Elijor é autora de diversos livros, principalmente sobre o misticismo judaico, entre os quais estão: *The Paradoxical Ascent to God: The Kabbalistic Theosophy*

of *Habad Hasidism* (Albany, New York: State University of New York Press, 1993); *Herut al Haluhot – Studies in the Mystical Foundations of Hasidism* (Tel Aviv: Broad Cast University: Defense Ministry Press, 1999); *The Three Temples: On the Emergence of Jewish Mysticism* (Portland, Oregon: Littman Library of Jewish Civilization, 2004); *The Mystical Origins of Hasidism* (Portland, Oregon: Littman Library of Jewish Civilization, 2006).

Com o artigo apresentado neste número da *WebMosaica*, “As origens do Chassidismo”, Rachel Elior colabora pela terceira vez com a revista (ver “Judaísmo e democracia: o domínio privado e a responsabilidade pública”, v.3 n.1, 2011; e “*E farás uma janela para a arca* – Língua, memória e cultura como uma ponte entre o leitor secular e a ‘Biblioteca’ judaica”, *WebMosaica*, v.3, n.2, 2011). Como os precedentes, seu artigo atual impressiona pela erudição; além disso, o trabalho representa uma síntese de diversas publicações anteriores da autora sobre o chassidismo, a respeito do qual Rachel Elior é uma autoridade. Nele, a autora faz uma revisão dos antecedentes históricos que geraram a devastação da comunidade judaica na Ucrânia na segunda metade do século XVII e o surgimento do sabatianismo e do chassidismo, e os trabalhos dos escritores judeus sobre a devastação trágica que se seguiu à revolta de Chmielnizki, os quais expressavam profundas esperanças pela vitória divina e pela redenção messiânica. O artigo também apresenta os 12 princípios do pensamento chassídico e descreve as circunstâncias singulares que afetaram a atividade do Baal Shem Tov em relação aos trinta e cinco libelos de sangue que foram registrados durante a sua vida na comunidade polaco-lituana.

Uma geração mais jovem que a de Samuel Scolnicov e Rachel Elior, mas igualmente dedicada aos estudos judaicos, também comparece no presente

número da revista. O primeiro é o filósofo Yitzhak Y. Melamed, que concluiu o mestrado em filosofia e história da ciência e da lógica na Universidade de Tel Aviv (Israel) e o doutorado em filosofia na Universidade de Yale nos Estados Unidos (2005) e é Professor Assistente do Departamento de Filosofia da Johns Hopkins University (Estados Unidos). Recentemente publicou o livro *Spinoza’s Metaphysics: Substance and Thought* (Oxford University Press, 2013), no qual oferece uma interpretação nova e sistemática para a essência da metafísica de Espinosa. No livro que se encontra em fase de preparação, *Spinoza and German Idealism: A Metaphysical Dialogue*, Melamed pretende reconstruir o discurso filosófico entre Espinosa e os idealistas alemães. De acordo com seu argumento, “este diálogo influenciou as questões mais fundamentais do discurso moderno dos últimos dois séculos: a possibilidade da liberdade e agência humanas, a natureza de Deus, a veracidade e adequação das explicações teleológicas, a natureza ilusória da nossa percepção do mundo como centrado no homem, os direitos do Estado e seus cidadãos, a natureza da religião, a natureza do pensamento, o valor da beleza, e os limites do pensamento humano”. Como indica Melamed, “este dialogo frutífero teve implicações cruciais para muitos ramos das humanidades e das ciências sociais, tais como estudos da religião, estética, narratologia, estudo do tempo, teoria política, história do intelectualismo alemão, pensamento judaico e cristão modernos, historiografia, crítica da Bíblia e história da ciência” (<http://philosophy.jhu.edu/directory/yitzhak-melamed/>).

Yitzhak Y. Melamed colabora neste Dossiê com o artigo “Salomon Maimon e a falência da filosofia judaica moderna”. Em seu artigo, Melamed sustenta que Salomon Maimon é o único filósofo judeu moderno digno deste nome, considerando como filósofo judeu aquele que tenta oferecer um

relato bem argumentado e informado das crenças e práticas religiosas e culturais judaicas, para o que necessita ter um bom conhecimento do mundo literário judaico. De acordo com Melamed, a maioria dos filósofos judeus modernos não tinha esses conhecimentos, o que os levou a internalizarem a visão antissemita da cultura judaica como um particularismo oposto ao universalismo cristão e a tentarem construir uma versão protestante do judaísmo que imita o luteranismo alemão.

Noa Cykman, estudante do curso de graduação em Ciências Sociais e bolsista de iniciação científica do CNPq, e Alexandre Fernandez Vaz, professor dos programas de pós-graduação em Educação e Interdisciplinar em Ciências Sociais, da Universidade Federal de Santa Catarina, e bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq, são coautores do quarto artigo do Dossiê, com o título “Judaísmo e ruptura em Walter Benjamin”. Alexandre Fernandez Vaz é mestre em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (1995) e doutor em Ciências Humanas e Sociais pela Leibniz Universität Hannover (Alemanha) (2002). Suas principais publicações se referem à Teoria Social Contemporânea, Estética, Sociologia da Cultura e do Esporte e Processos de Escolarização, com ênfase nas experiências corporais. Ele é o orientador de Noa Cykman na iniciação científica.

Cykman e Vaz examinam a obra de Walter Benjamin com base nos fundamentos religiosos, teológicos e culturais da tradição judaica por ele utilizados, com destaque para sua compreensão messiânica do devir histórico. Como mostram os autores: “Ao longo de sua vida, Benjamin constitui com o judaísmo relações instáveis e paradoxais. Marcas da tradição judaica aparecem nas entrelinhas de seu pensamento, observadas [em] sua percepção curiosa e fragmentada que sintetiza religião, teologia, messianismo e misticismo.” De acordo

com os autores, “na obra de Benjamin a teologia não aparece como um paradigma rígido e fornecedor de respostas: ao contrário, é o elemento destabilizador que vem questionar, ressignificar, reformular e recuperar os conteúdos da lógica e da política. É por meio dela, portanto, que se encontrará a redenção: a revolução e o Messias, como obra da humanidade”.

O quinto artigo do Dossiê é de autoria de Airan Milititsky Aguiar, graduado em História (PUC-RS) e em Ciências Sociais (UFRGS), e com mestrado em História (PUCRS), concluído em 2009, com a dissertação *Saudações para um Mundo Novo: o Clube de Cultura e o progressismo judaico em Porto Alegre (1950-1970)*. No artigo publicado neste número da *WebMosaica*, “Procurando Metatron ou a desalienação da criatura: Paralelismos entre a Cabala e o Marxismo”, o autor examina as semelhanças de forma e conteúdo entre duas configurações culturais distintas: o marxismo e o misticismo judaico. A partir de pares análogos de conceitos – *Golem* e Capital; *Tikun* e Comunismo; *Galut* e Alienação –, Aguiar pretende constatar a *possibilidade* de uma convergência entre a Cabala e o Marxismo, para estabelecer entre essas duas manifestações culturais uma afinidade eletiva.

Na seção de Artigos de temática livre, trazemos três textos sobre temáticas distintas, todos na área da Literatura.

O primeiro é de autoria de Soraya Lani, nascida no Brasil e residente na França, onde concluiu o doutorado em Literatura Brasileira pela Universidade Michel de Montaigne Bordeaux 3 e atua como Leitora de Língua Portuguesa na mesma universidade. Lani, que já publicou um artigo na *WebMosaica* v.3 n.2 (2011) (“Metamorfose e imaginário equino na construção da identidade judaica brasileira em ‘*O centauro no jardim*’, de Moacyr Scliar”), colabora neste número com o artigo “Uma

imigração judaica permeada por centauros, índios cavaleiros e índios a pé. Leitura do romance ‘*O Centauro no Jardim*’ de Moacyr Scliar”. Neste trabalho, a autora examina como o escritor gaúcho procede ao resgate da representação do indígena no discurso contemporâneo e compara o personagem literário romântico Peri, de José de Alencar, e o Peri de Moacyr Scliar, “buscando pôr em destaque algumas estratégias pós-coloniais como a des-sacralização do mito romântico e a fragmentação do sujeito indígena atual”.

O artigo “Opressão e Resistência: Notas sobre o judeu na obra engajada de Jorge Amado e no teatro político de Jorge Andrade”, de autoria de Márcio Henrique Muraca, Doutorando em Letras na Universidade de São Paulo e bolsista da CAPES, examina a presença do judeu nas obra de Jorge Amado e de Jorge Andrade. De acordo com Muraca, na primeira metade do século XX, sobretudo no período da ditadura do Estado Novo (1937-1945), Jorge Amado articula movimento comunista e antissemitismo; a opressão se destaca em termos de conteúdo. Já a representação do judeu na dramaturgia de Jorge Andrade, durante a Ditadura Militar (1964-1985), revela características menos estereotipadas, representa uma metáfora para a luta e *resistência*. Muraca conclui que “o projeto estético-ideológico de ambos os autores articula, em síntese, uma palavra de ordem: *liberdade*”.

Finalmente, o terceiro artigo é de autoria de Bina Maltz, mestre em Letras e ex-professora de Literatura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, coeditora da *WebMosaica*, com o título “Fuga da morte: o hino do Holocausto”. O objetivo do artigo é mostrar como a linguagem da música e a da poesia de Paul Celan entrecruzam-se em seu poema *Fuga da morte*, enriquecendo sua textura poética. A autora examina a presença da linguagem narrativa em depoimentos de vítimas do

Holocausto que viveram como prisioneiros em campos de trabalho e de extermínio nazistas para mostrar a expressão literária denotativa que, diferentemente do poema, mas não com menos contundência, registrou o horror e a insanidade da máquina de morte ideológica do III Reich, iluminando a leitura metafórica do poema.

Na seção Memória, trazemos dois textos. O primeiro é de Inácio Steinhardt, tradutor, jornalista, ensaísta e estudioso do judaísmo em Portugal, autor, entre outros, do livro *Raízes dos Judeus em Portugal*, nascido em Portugal e residente em Israel; o segundo é de Eduardo dos Santos Chaves, brasileiro, mestre em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) e doutorando do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Steinhardt delinea a trajetória dos judeus no Arquipélago dos Açores, que para lá se deslocaram, nas primeiras décadas do século XVI, em decorrência das perseguições sofridas durante a Inquisição; e, numa segunda leva, nas primeiras décadas do século XIX, provenientes do Marrocos, onde a vida da população judaica não era fácil, pelas condições econômicas adversas, depois de sucessivas epidemias que haviam dizimado as populações locais, e pela instabilidade política que afetava os judeus diretamente. Steinhardt descreve a vida dessa comunidade e seu ocaso, a partir de 1873.

Com o texto “Por detrás dos bastidores: a história de vida de Maurício Rosenblat” (1906-1988), Chaves destaca o livreiro e editor que atuou no ramo editorial em Porto Alegre, convivendo com Érico Veríssimo e muitos intelectuais de sua época. Em 1955, Rosenblat organizou a 1ª Feira do Livro de Porto Alegre e esteve, durante vinte e três anos, na equipe organizadora desse evento.

Nesta nona edição da *WebMosaica*, sentimos renovar os mesmos propósitos com que iniciamos

a primeira, no primeiro semestre de 2009: oferecer aos leitores trabalhos de carácter académico e multidisciplinar, que deem visibilidade a questões do judaísmo, muitas desconhecidas, tratadas com seriedade e isenção; trazer trabalhos de pesquisadores, académicos e intelectuais de maneira a estender o espaço de discussão, aprendizado e criação sobre temáticas judaicas em língua portuguesa.

Agradecemos aos autores dos trabalhos publicados, que nos honram com sua presença na revista, aos avaliadores dos trabalhos aceites (ou não) para publicação, aos tradutores Hedy Lorraine Hoffmann e Carmen Fasolo, ao artista Marinho Neto (imagem da capa), ao editor gráfico Evaldo (Tiba) Tiburski (diagramação da revista e montagem da capa) e a Rafael Bán Jacobsen e Anita Brumer, que se encarregaram das revisões dos manuscritos.

Os Editores